ANO 3.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 23 DE MAIO DE 1923 N.º 652

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

JOÃO de Deus, o poeta do *Campo de Flôres*, jaz nos Jeronimos quasi esquecido no seu caixão que densas poeiras cobrem de abandono e miseras flôres artificiais, desbotadas e sujas, maculam com a sua decrepitude.

Alguns algarvios pensam em fazer trasladar os seus restos mortais para S. Bartolomeu de Messines...

Achamos bem.

Os Jeronimos não devem ser a sua derradeira morada.

Quem amou e cantou tanto a vida simples e a liberdade do coração necessita, mesmo na morte, sentir-se proximo das coisas que lhe foram caras.

S. Bartolomeu de Messines é uma linda mancha de paisagem, duma rusticidade amavel, em que a poesia é antes um dom de naturesa que uma revelação da sensibilidade dos homens.

João de Deus deixou na sua obra o sabor do seu torrão natal. E', porventura, demasiado que ele regresse á sua aldeia, visto que a campa é feita para continuar o berço?

* * *

UMA menina prendada escreveu uma carta ao seu namorado, dizendo-lhe que preferia outro homem que, sendo mais abastado do que ele, a tornasse feliz no casamento.

A resposta foi esta:

— «Felicito-te pela tua resolução, desejando que sejas feliz. Se o teu marido algum dia me vier a conhecer, nunca lhe digas que te namorei, não julgue ele que sou manipulador de venenos.

De resto, o simples facto de casar comtigo, ha de fazê-lo tão profundamente parvo que certo nunca terá tempo de ser curioso do teu passado».

* * *

O NUMERO 10 da *Revista Portuguesa*, de que é director Victor Falcão, apresenta o seguinte sumario: *Desenho*, de Cristiano Cruz; *Os prodromos dum renascimento português*, de Augusto Costa; *A Entrevista da Semana*, de Cruz Cerqueira; *Dos Novos Livros*, de Rocha Junior; *Vida Internacional*, de Correia Marques; *Musica*, de Alfredo Pinto (Sacavem); *Os teatros*, de Avelino de Almeida.

* * *

REBELO de Bettencourt, no seu recente volume de *Cantigas*, mostra-se um apaixonado da quadra popular, contando os sentimentos e os desejos que melhor traduzem a resignação dolente e fatalista dos que não pedem á vida força e coragem, mas a materia para um pequeno drama que se pode resumir nestas palavras — a rendição dum coração á volupia da desventura.

* *

JORGE Barradas, que em Pernambuco fez uma exposição dos seus trabalhos, vendeu-os quasi todos. O jornal *A Provincia* consagra-lhe uma crónica com este titulo: — *Barradas, agitador de côres e dos ritmos novos.*

* * *

JOSÉ Dias Sancho, que é um belo espirito de artista, escritor e desenhador, acaba de publicar uma pequena novela intitulada *Ritual do Amor*, na qual se afirmam as qualidades de emoção e de composição literaria do autor.

O PARLAMENTO

Nós temos a opinião de que os deputados ou senadores não devem renunciar ao exercicio do seu mandato, emquanto nas Camaras houver liberdade de discussão.

Reputamos impertinente, para não dizermos absolutamente ilegal, a atitude dos que, a cada passo, clamam que abandonam a representação nacional, fundados em razões mais pessoais que nacionais.

O Parlamento não pode ser um campo de conflitos em que certos individuos ou grupos possam desertar do seu posto, sem que hajam esgotado a sua provisão de argumentos em debates que esclareçam suficientemente o país sobre a inutilidade da sua atitude combativa.

Foi, porventura, este o caso dos parlamentares nacionalistas?

Por muita simpatia que nós tenhamos por um partido que se formou, a fim de dar ao regime a colaboração necessaria para que os democraticos, convertendo-se em oposição, se renovassem, fóra do poder, para uma futura acção governativa, a verdade é que não podemos aplaudir francamente e sem reservas a sua maneira de proceder actual, visto que embora concorra para enfraquecer um pouco o rendimento dos trabalhos parlamentares, não consegue impedi-los nem perturba-los, pois que as minorias monarquica, catolica e independente se encarregam da sua critica e fiscalisação.

O país, que a principio olhou com certo interesse para a greve dos nacionalistas, vendo que ela se eternizava numa série de teimosias que nem sempre se justificavam, começou a alhear-se do caso, pensando em assuntos de maior monta.

Desconhecemos qual o justo pensamento que os determinou a abandonar as Camaras, mas é crivel que se animassem com a ideia de que iam provocar um forte movimento de curiosidade a seu favor, que seria um excelente pretexto para a sua propaganda e organização.

No fim de contas, que se vê?

E' o proprio partido nacionalista que entra em crise, acentuando-se no seu seio as discordancias e talvez as dissidencias, pois a sua unificação ainda não é tão perfeita que não seja facil distinguir os elementos assás heterogeneos que o compõem—evolucionistas, unionistas, reconstituintes e centristas.

O ESPIRITO INGLÊS

O sentimentalista

O CAPITÃO americano Mac Mahon teve uma conversação com o marechal Hindenburg, que lhe disse:

«Chegará um dia a hora da nossa desforra contra a França, ainda que hajamos de esperar cem anos. A historia repete-se. O meu desejo pessoal mais ardente seria tornar a pegar em armas contra os franceses.»

Esta maneira de falar é bem clara. Hindenburg acredita que, mais tarde ou mais cedo, os dois grandes povos que se banham no Reno, hão de despedaçar-se, nos campos de batalha.

Não sabemos se será necessario esperar cem anos.

Basta que um pensamento desta especie mantenha os alemães e os franceses em atitude hostil uns contra os outros, para que a Europa fique envenenada, senão ferida no coração.

* * *

QUANDO da ultima gréve dos empregados telegrafo-postaes de Espanha, muitos deles sofreram a pena de demissão. Os seus colegas portuguezes, num gesto de solidariedade muito louvavel, teem-se interessado junto de quem de direito, pela sua readmissão.

O sr. ministro de Espanha recebeu anteontem os srs. Anibal Homem de Figueiredo, João Luiz Maria da Silva e José Maria Ramos de Almeida, que foram entregar-lhe uma representação sobre o assunto. O ilustre diplomata acolheu-os com muita simpatia, prometendo dar imediato conhecimento do pedido ao governo espanhol.

* * *

EM consequencia de não poder receber carga, devido á greve das classes maritimas, o vapor «Asia», da Fabre Line, que estava anunciado para sair ámanhã para a America e Açores, já largou do Tejo esta tarde, tendo apenas recebido passageiros e malas postais.

* * *

A Associação Comercial de Loanda, por intermedio da sua delegação em Lisboa, oficiou ao deputado sr. Carlos Pereira, agradecendo-lhe a sua atitude no Parlamento na defeza dos interesses coloniaes, agravados pelas atuaes pautas alfandegarias.

* * *

A LIVRARIA Portugal-Brasil publicou as *Trovas de Portugal Descobridor* que o ilustre academico e antigo marinheiro, Henrique Lopes de Mendonça compôs para as crianças e para o povo.

* * *

NA sua colecção de *Edições Escolhidas*, a Renascença Portuguesa reeditou a *Anfora Partida*, de Pina de Morais — um livrinho de tão mimosa inspiração que parece cantar nele toda a sensibilidade timida dum violal.

* * *

O SR. ministro da Marinha foi convidado para exercer o cargo de Alto Comissario de Moçambique.

Sabemos que o sr. Azevedo Coutinho não está disposto a aceitar o convite.

* * *

EDUARDO Malta, moço pintor cheio de sensibilidade e emoção, deve abrir nos primeiros dias de junho, no salão da *Ilustração Portuguesa*, a sua exposição de pintura, organisada pela revista *Contemporanea*.

Pelo "sport"

AO SOM DO «GONG»

Os combates de ontem

Foi fraquissima como espectaculo, a «soirée» de «box» ontem dâda no Campo Pequeno, perante uma assistencia mais fraca ainda.

Deve ter dado um prejuizo grande, o espectaculo. Os preços dos logares eram por tal forma proibitivos — chegando a atingir o caracter de exploração ignobil — que dos habituais assistentes aos combates de «box», lá foram apenas os muito «carolas» e os muito ricos.

A' falta de bons combates, procuram os organizadores arrastar o publico dando muitos combates. E' a quantidade a dissimular a má qualidade. Com a vantagem «reclamadora», de poder pôr nos cartazes em letra de metro e meio:

—«Hoje, 576 «rounds» de mau «box»!!! Onde deveria por-se: «Hoje 576 «rounds» de mau «box».

O primeiro «match», em que entrava um francês, de naturalidade duvidosa, foi ganho por Fanstino Rodrigues.

No segundo encontro, Albano Campos bateu Brito, mais pela fraqueza deste, do que pelo real valor de Albano, que se apresentou em peor forma do que aquando do seu combate com Rasteiro.

Ruivo perdeu com Costa Mendes. Não descrevemos...

O quarto «match» era entre Faustino Pereira, o «ex-popular boxeur», e Frank Puig, anunciado como ex-campeão de Espanha. Pelos conhecimentos demonstrados por Puig, não é dificil deduzir que ele deve ter sido, em Espanha, campeão... de bisca sueca.

Faustino faz uma exibição miseravel, perante um adversario virtualmente acabado — de «guarda» caída e de pernas paradas — da terceira «réprise» em diante.

O ultimo combate realisou-se entre Crespo e Gaston Anderson. A maneira como Crespo conduziu o combate no 4.º, 5.º e 6.º «rounds», não deixavam grandes ilusões sobre o resultado do «match».

Porém, no 7.º «round», Gaston queixou-se de «golpe-baixo».

Xavier de Araujo, que arbitrava, concedeu um minuto de repouso. Findo este, Gaston mostrou não se achar em estado de continuar a combater. A vitoria foi dada a Crespo!

E conquanto a decisão possa ter sido justa — como castigo duma comedia, aliás discutivel—o certo é que as leis por que o «box» se rege, levaram ontem um pontapé mais.

Quando um «boxeur» se queixa de «golpe baixo», ou o juís viu o golpe e concede o minuto; ou o não viu, e não concede o repouso.

Ainda no ultimo «match» Carpentier-Nilles, este se queixou, ao receber um «shift-punch». E Bernstein, que tinha visto o ponto tocado, não concedeu o «golpe baixo».

Desde que Xavier de Araujo, deu o minuto para descançar, confessou implicitamente ter visto a irregularidade do sôco. E se a viu, como e porquê, findo o descanso, e sem intervenção medica — que a não vimos—deu a vitoria ao culpado?

Xavier de Araujo, tecnico competentissimo, a quem a «nobre arte» tanto deve em Portugal, tem entre todas as suas qualidades, um enormissimo defeito. Deixa-se arrastar pela sucessão dos acontecimentos, pelos homens e pelos factos, em vez de os dominar. Daí... E acabou-se.—*C. S.*

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis.

T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. Telef. 5205-N

CHAUSSURE CASIMIRO

CASIMIRO SILVA

Fabricante de calçado de grande luxo

112, Avenida da Liberdade, 114

Pasta limpa typos «RIBOLDA»

para maquinas de escrever, numeradores, etc.

Unica em todo o mundo

Tel. N. 3158--OLIVER L.da--R. da Prata, 250, 2.º

A Concorrente

de A. Mendonça Perdigão

Reparações garantidas em maquinas de escrever

Vende e compra sempre aos melhores preços, maquinas em segunda mão. Fazem-se copias á maquina.

Calçada do Carmo, 3, 3.º E. — Telef. N. 4076

SCALABITANOS

Deliciosissimos licores! Soberba apresentação!

DEPOSITO GERAL Telef. C. 1196

RUA AUGUSTA, 70, 2.º

A LISBOA DE HOJE E DE ONTEM

A fadistice e o catitismo

UMA FRASE DE BERGSON

aplicada á vida portuguesa

Tomando por verdadeira a frase de Bergson «a duração é o estofo mesmo da existencia», a sua aplicação gramatical ás coisas desta terra esclarece a razão de ser de certos caracteristicos que impressionaram a fina sensibilidade de Eça de Queiroz e o levaram a qualificar os portugueses de fadistas e acatitados.

Segundo o criterio de Bergson, Portugal existe como nação politica porque dura desde os Filipes, ha três seculos, existe como raça porque produz sempre novos portugueses; e nisto se resume a sua existencia porque lhe falta qualquer outra manifestação de vida duradoura.

Quer dizer: os portugueses existem sómente pela animalidade.

Comer e procrear são as suas unicas preocupações constantes.

Ora a fadistice, que Eça de Queiroz considerava com razão o «pathos» nacional, consiste justamente em admitir que a essencia da vida humana se reduz ao cumprimento daquelas duas funções elementares.

E' frequente por ai dizer-se a proposito de qualquer indignidade: «Deixa amigo, haja uma boa mesa e uma boa mulher que o resto é chalaça». A frase tão repetida resume a essencia da filosofia fadista.

O erotismo como sintoma de fraqueza do importante instincto sexual faz naturalmente parte da fadistice. Em nenhum logar do mundo se fala tanto a qualquer proposito e com tão penosa insistencia das preocupações do amor fisico. O que faz o ardor de multiplicar-se a especie é um mandato imperioso e exclusivo. Entretanto, se fossem sexualmente ricos, os que assim se manifestam sentiriam menos necessidade de sublinhar a cada passo as suas qualidades amorosas. Só se fala d'aquilo que não se tem, ou se tem pouco. A esta atitude dos instinctos moribundos marcada em conceitos de filosofia cinica chamou-se fadistice por derivar em linha direta de certas canções muito ao gosto da canalha lisboeta dos fins do seculo XVIII. O Fado era a lamentação de uns seres de vida fraca, inimigos do esforço, sobre a dureza de um destino que os condenava irremediavelmente á desgraça. E, com o agravamento progressivo da decadencia, passou a ter importancia nacional. Os portuguezes notaram com desgosto que passavam os decenios, mudavam as instituições, e só a miseria da sua patria permanecia imutavel.

Para congelar este sentimento atroz mesmo para tipos de minguado gosto pela vida, transportou-se a filosofia fadista da musica para as ideias.

Em vez de cantar e queixar-se da miseria em melodias, procurou-se por meio d'um talento inato para o sarcasmo estabelecer que é ele em toda a parte a unica realidade. Por isso o instincto suspicaz dos portuguezes busca longe nas mais belas aparencias o dedo da fome ou do sexo, e, verdade, por vezes consegue descobri-lo.

Teria belesa este recurso desesperado para viver com má opinião de si proprios se fosse puro.

Mas aqui está a maior tristeza, esse português sendo por convicção fadista e só fadista, não tem coragem para confessa-lo.

Reconhecendo no intimo a culpa tenta disfarça-la. «Quem não pode trapaceia».

E resvala no catitismo. Daí procedem as tenues manifestações de arte e de cultura, sem duração e portanto sem existencia real, se continuarmos a guiar-nos por Bergson.

O catitismo distingue-se da verdadeira cultura pela sua falta de ligação com a vida e de sucessão logica. Um joven artista teve fundamento para afirmar que em Portugal não acontecia nada.

Ideias, correntes artisticas ou politicas veem arbitrariamente, extinguem-se com uma desesperadora brevidade que mostra serem influencia de um distante movimento.

Não nos iludamos com muitos acontecimentos de arte, que dão a Lisboa uma actividade intelectual ilusoria e falha de vida. Concertos, bailes, exposições, revistas, «toilettes», são exterioridades que não disfarçam a miseria preguiçosa e indiferente cavada na raiz.

A imagem de Lisboa de hoje transparece nas casas das avenidas novas. Construidas com sordida economia de espaço e talento, inventivo para gente de necessidades elementares, ostentam nas fachadas arrebiques sem relação com as linhas e proporções do edificio.

A vida intelectual está para a vida real, como essas cornucopias, leões e aguias de gesso para o destino das moradias.

A frase de Bergson leva-nos assim a concluir por dedução aquilo que o espirito artista de Eça já tinha constatado observando directamente:—Em Lisboa, o que não é fadistice, é catitismo, ou seja intrujice.

A sintese traçada pelo grande confessor das culpas da nossa raça permanece intacta. Longe de a contradizermos parece termo-la agravado no correr de duas gerações.

Quando se dará começo á tarefa de iniciar em Portugal uma autentica civilisação com marca que lhe seja propria?

A bela obra continua interrompida ha seculos.

Temos a massa, o forno, o combustivel e as mãos para modelar a jarra. Falta-nos sómente a vontade e a vergonha.

Avelar de Loureiro

COMPRA E VENDA

DE

TITULOS

Nacionais e Estrangeiros

Execuções de ordens de Bolsa

Cobrança de juros e devidendos

PANCADA, MORAES & C.ª

RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Josefina Van-Zeller de Andrade, D. Laura Ferreira Pinto Basto Figueira Freire da Camara, D. Maria José Trigoso Ravara, D. Leopoldina Amelia Cardoso e Lemos Carvalho de Aguiar, D. Ernestina Manuela Pessier Aranha e D. Izabel de Albuquerque Melo Pereira e Caceres.

E os srs.

D. José de Serpa Pimentel, D. Vasco Antonio de Figueiredo Cabral da Camara, Joaquim Firmino da Cunha Reis, Mario de Almeida Fernandes Nogueira, João Marcelino de Azevedo, José Inacio de Saldanha da Gama de Miranda e Vasconcelos e Antonio da Gama Lobo Salema.

—Faz hoje anos o sr. José Joaquim de Carvalho Reis e Silva.

A caridade

«O Casal de Margarida»

A ilustre comissão organizadora da elegantissima recita de caridade que estava anunciada para a noite de sabado proximo, no teatro Almeida Garrett, em vista do falecimento do ilustre titular sr. conde de Sabugosa, transferiu-a para a noite de terça feira, 29 do corrente. Continuam os ensaios de apuro tanto da opereta «O Casal de Margarida» como da peça francesa «Quant l'atout est coeur», que tanto exito obtiveram na noite de 9 do corrente, no teatro S. Luis, e prosseguem os ensaios da linda peça em um acto, do dr. Julio Dantas, «Rosas de todo o ano».

A procura de bilhetes na casa Sassetti, á rua Nova do Carmo, para esta sensacional recita de caridade, continua sendo enórme, sendo portanto de prever que nessa noite não fique um bilhete por vender.

Casamentos

Pelo sr. tenente-coronel Carlos Alberto de Barcelos Nascimento, ha pouco chegado de Africa, foi pedida em casamento para seu irmão sr. Julio de Barcelos Nascimento a sr.ª D. Maria Luisa Schiappa Viana, gentil filha da sr.ª D. Emilia Schiappa Petra Viana e do sr. Paulo Viana, já falecido.

O casamento deverá realizar-se por todo o corrente ano.

Festas elegantes

Pestejando o aniversario natalicio de sua filha a senhora D. Maria Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, esposa do sr. Luis de Brissac Neves Ferreira, ofereceram hontem, nos belos jardins da sua esplendida residencia, «Quinta da Bela Vista», ao Rego, um finissimo «chá» a varias pessoas das suas relações, a senhora D. Palmira da Costa e Silva e seu marido o sr. Pedro da Costa e Silva.

O «chá» foi servido em pequenas mesas que se encontravam espalhadas artisticamente pelo vasto recinto do «tennis», no qual, durante a tarde, sobre uma lona, se dançou com verdadeira animação, ao som de um eximio quarteto, até perto das 9 horas.

Os ilustres donos da casa, sua filha e genro, foram incansaveis de amabilidade, pondo assim mais uma vez em destaque as suas belas qualidades de caracter.

Na assistencia notavam-se:

Madame Cardoso de Oliveira e filhas, D. Julieta Cordeiro Feio Mendes Pereira e filha; D. Tereza Iglezias Scarnichia, D. Maria de Brissac Neves Ferreira, D. Stela Navarro de Andrade Belmarço da Costa Santos, D. Emilia de Brito e Abreu, D. Albertina Diogo da Silva Teixeira e filha; D. Maria Augusta de Carvalho Moraes e sobrinha; D. Luiza Malheiro de Seixas e filha; D. Ana Cabral da Silva e filhas; D. Adelaide Bramão, D. Mariana Galvão Mexia de Bramão, D. Atanazie de Brito e Abreu Craw, D. Maria de Brissac Neves Ferreira Lobo de Campos, D. Suzana Aires de Castro, D. Maria Josefina de Brissac Neves Ferreira Cancela de Abreu, D. Maria Coelho, D. Maria do Carmo Navarro de Andrade Belmarço Pereira de Carvalho, D. Adelaide Lima Cruz e filhas; D. Maria Rufina de Abreu Baptista, D. Olinda Teixeira Wirtz, D. Herminia Campos Pessoa e filhas; D. Eliza Castanheira de Moura, D. Maria do Carmo Charters de Azevedo Lopes Vieira, D. Julia Tomaz da Costa Madeira Pinto, D. Maria da Conceição de Abreu Baptista, D. Maria Tereza de Carvalho, D. Maria Alice de Abreu Baptista Germond de Oliveira, D. Maria Luiza Colares Lisboa e filha; D. Maria Emiliana Cabral da Silva Ramalho, D. Dalila da Silva Correia Leite, D. Maria Luiza Abecassis, D. Judith Maria Luz Bastos, etc.. etc.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no São Luiz, penultima representação da linda opereta portuguesa «A Prima Inglesa» e Coliseu dos Recreios, despedida do brilhante soprano Angeles Ottein, com a magnifica opera «Sonambula».

Em viagem

E' esperado no proximo sabado ou domingo em Lisboa, vindo de Africa, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Luiza de Borja Trindade Pais Mamede, o nosso querido amigo sr. Boaventura Pais Mamede.

— Com suas interessantes filhas D. Maria da Piedade e D. Maria Casimira, encontra-se em Lisboa, hospeda de sua filha a sr.ª D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e de seu genro o sr. dr. Antonio de Azevedo, a sr.ª D. Maria de Mascarenhas Calheiros Madeira, que deve regressar brevemente á sua casa na Beira Alta.

— A' sua casa na Figueira da Foz, regressou hoje, o ilustre lente da Universidade de Coimbra, sr. dr. Luiz Carrisso.

— Vindas do Algarve, estão em Lisboa, devendo partir brevemente para Paris, a sr.ª D. Maria Judice Fialho e sua filha D. Izabel.

— Encontra-se em Lisboa, vindo da sua casa da Foz, Porto, o sr. João de Correia Betencourt.

— Regressou de Nabaes, o sr. Francisco Torres.

— De Coimbra, regressou o sr. Jaime Arnaut.

Um belo "film"

O Othelo no Cinema Condes

Foi um notavel acontecimento a estreia do *Othelo*, ontem no Condes. Não se sabe que mais admirar no esplendido *film* se a interpretação verdadeiramente extraordinaria que á tragedia deu a *troupe* do Teatro Imperial de Berlim com o grande actor Jenning á frente, no papel do ciumento mouro, se a maravilhosa *mise-en-scene*, grande parte da qual nos exibe os mais encantadores aspectos de Veneza e dos seus assombrosos palacios, O *Othelo* repete-se hoje com um novo e magnifico programa em que tambem figura a deliciosa comedia *Cupido e o Sport*.

"A HORA NOVELESCA"

"Ritual do amor"

por José Dias Sancho

Transcrevem-se os dois primeiros capitulos

Nua, diante do espelho grande do quarto *Imperio*, onde uns leves dourados esmoreciam sob a vermelha tonalidade do lampadário, Arminda corria os seios firmes com a borla de pó de arroz, ao de leve, num enlevo deslumbrado.

Na penumbra subtil a voz de Maria Margarida chilreou uma frase:

—Estás perturbante...

Arminda não respondeu.

Teve um sorriso desvanecido, pousou no *toilette* a borla do pó de arroz, e, erguendo nos braço coleantes e alvos a massa negra dos cabelos, apenas se deslocou um pouco para se tornar a embeber, ainda com mais ternura, na linha esbelta das espaduas, no ondular mavioso dos quadris, na harmonia flexivel e branca das côxas a resplandecerem como marmores.

Maria Margarida insistiu:

—E's duma vaidade encantadora... Mas faz-se tarde, e certamente está a chegar o Luís—o primeiro, *como sempre*...

«Esqueces-te de que ha recepção e não podemos levar a noite, como ontem e ante-ontem—olhando-nos ..

Arminda ondulou, estirou-se preguiçosamente sobre o imenso divan. Depois, numa voz de calideses languidas, semi-cerrou os olhos para dizer:

—O amôr tem o seu ritual .. E' forçoso cumpri-lo; os ritos são a alma das religiões..

Um corpo nú é sempre um altar do amôr... Que importa que esse corpo seja o meu, ou seja o teu, ou seja o d'outrem?...

Adorar um corpo, é adorar a Vida! Olharme, assim, nua, é rezar, é encher o fulgor dos meus olhos da alegria de Deus!

Maria Margarida ergueu-se.

O seu busto fino, descoberto pelo decote largo, resplandeceu.

E foi curvar-se sobre a peregrina nudez da amiga.

—Penso como tu: a carne é maravilhosa e divina.

Desejar é soletrar o segredo da Vida... Mas como explicas tu que eu adore o teu corpo, se isso não está estabelecido como base da Vida?

—A Vida! O que sabemos nós da Vida!...

Somos autómatos com a ilusão da consciencia e da vontade.

Os desejos que nascem, obedecem a alguma misteriosa razão...

Não ha desejos são ou perversos: ha desejos... o que poderás invocar, Maria Margarida, para te eximires a eles, se nesses desejos te fala a voz sagrada do teu temperamento—que é criação de Deus?

— Tens razão, Arminda! Nada me dá o direito de contrariar os meus instintos.

Em verdade, a minha consciencia é um produto da individualidade dos outros, não nasceu comigo completa e firme: moldaram-na na moral dos compendios e espartilharam-na nas convenções...

Arminda, lentamente:

— Não ha moral nem imoral: ha beleza, ha sugestão de beleza...

No relogio da sala soaram nove horas, balançadas no ritmo dum minuete de Haydn.

— Nove horas! Anda! Ajuda-me a vestir. Dá-me a minha camisa... Alcança-a, além, sobre o biombo.

A silhueta gris de Maria Margarida, donde se erguia, em repuxo, uma *aigrette* branca, deslisou sobre as peles de tigre estendidas no chão, e voltou com um minusculo bocado de seda onde, cariciosamente, lhe envolveu o corpo.

Na transparencia do tecido a mancha suavissima da pele sensualisou-se mais; e, calçara Arminda já as meias de seda preta e os sapatinhos polidos de verniz, quando Maria Margarida, com um fulgôr abrazado no olhar, a tomou pelos hombros, de repente, lhe premiu o busto sobre os rins flexiveis, e com a bôca tonta, desordenadamente, lhe titilou o bico rôxo dos seios, lhe mordeu os labios sangrentos, até ir tombar, de roldão, na maciesa da preguiceira, colorindo-lhe a pele com a marca violenta dos beijos...

* * *

Eram dez horas quando a criada veiu anunciar que Luiz tinha chegado, e ficára esperando na biblioteca, a folhear um livro de gravuras.

Arminda, em quimono, reacendia o penteado, derramava perfumes fortes no vestido e no lenço, retocava a negro as sobrancelhas e os cilios, desenhava a carmim a polpa sensual dos labios.

Em frente do guarda-joias, indecisa, Maria Margarida escolhia um colar.

— Veiu só, o Luiz? preguntou Arminda á criada.

— Veiu só, minha senhora!

— Nesse caso manda-o entrar. Espero-o aqui....

A rapariga saiu.

Maria Margarida não se conteve:

— Não tens força para acabares de vez! Devo dizer-te que me incomoda verificá-lo...

Mas Arminda beijou a amiga para lhe assegurar que, «justamente nessa noite, poria o ponto final num romance que era já do passado».

Dedos discretos tamborilaram na porta do quarto.

— Entre, Luiz! rogou Arminda acarinhando ainda Maria Margarida num derradeiro olhar.

E o pintor, olhos fundos e ardentes, cabeleira negra e desfeita, transpoz o reposteiro claro onde sangrava um escudo heraldico.

A sua voz exprimiu uma dorida censura no nervosismo com que pronunciou as primeiras palavras amaveis:

— Grande alegria sinto, creia, Arminda, em a tornar a ver...

E esta intimidade com que me pretendeu distinguir, é realmente uma desvanecedora prova de estima...

Como está v., Maria Margarida?... Parece-me preocupada...

Vi-a ontem no Chiado, sabe?

Ia v. com a condessa de Sant'Elmo... Tive muita pena que, mesmo fitando-me, me não tivesse notado...

A condessa está muito acabada, não acha, Arminda?

Depois que o marido veiu das colonias... Serão febres de Africa?!...

Pobre senhora!

Maria Margarida continuava a remexer o guarda-joias.

Arminda, querendo mostrar-se gentil, mas toda preocupada com a atitude da amiga:

— Sente-se aqui no divan, Luís! Tem das cigarrilhas que me ofereceu ha quinze dias?

— Desde que percebi que lhe agradavam, trago-as sempre comigo... De então para cá, nenhuma ocasião mais tive para lh'as oferecer...

E estendeu-lhe a caixinha elegante, onde se alinhavam os cigarros de ponta de ouro, que eram, naquela hora, o ultimo grito da moda, em Paris.

A mão dela, esguia, branca, fina, desdobrou-se sobre a caixa, que mais parecia uma «bombonniére», e na ponta dos dedos manicurados de fresco, com um ar fragrante de petalas mimosas, tomou uma das cigarrilhas e acendeu-a, encantadamente, na chama alegre do fosforo que Luiz lhe estendia.

A criada tornou a entrar:

— Estão na sala «madame» Viviana do Souto, «mademoiselle Gracinda, e os srs. Faial e Vitor Mela.

Arminda solicitou:

— Maria Margarida, vai entreter os nossos hospedes... Eu apronto-me num ápice.

Maria Margarida suspendeu-lhe do pescoço uma enfiada de corais, e saiu, contrafeita, a cumprir aquela incumbencia maçadora e suave de entreter gente de espirito...

No quarto pesava uma atmosfera irrespiravel; hálito de essencias derramadas, perfumes de tabacos finos, a que se juntava o olôr das violetas que um jarro de cristal erguia sobre a pedra do *toilette*, e um vago e mórno bafo de mulher, perturbante, embriagador, amolecente...

Luis puxou Arminda para si, brandamente:

— Não sei que mal te fiz! Não és a mesma... Estás tão diferente!...

— Tonto!...

— Tão difererente!..

— Eu?!...

— Tão diferente!...

E beijou-a na boca, num beijo lento e fundo.

— Se me encontras diferente, para que me beijas assim?...

— Para te dar a alma que te falta!

— Sou a mesma, acredita!

—A mesma!... Já vai longe o primeiro dia do nosso amôr, e como a distancia transforma tudo!

Eu tinha começado o teu retrato.

Na minha frente, quasi nua, sobre um chaile espanhol, tu pousavas.

Ajoelhei á tua beira para te modelar uma *pose*.

As minhas mãos tocaram-te a pele quente. Estremeci. E puz nos meus olhos desejos tão brutais que as tuas pálpebras desceram, e no movimento que esboçaste e te fez estremecer toda a linha do busto, o teu seio se desprendeu da faixa que o retinha...

Apenas me recordo que uma hora depois, tu me mostravas, entre as roupas revoltas, as feridas que os meus dentes tinham abrido no teu seio...

A *mesma!*...

—Duvidas!?... (Com intenção). A minha carne, é a mesma...

—Sinto-o bem!

Escravisaste-me. Estou preso á tirania da tua carne...,

Sei que me não amas, e estou louco por ti...

Não! Não posso mais representar esta comédia de indiferente, de *blasé*, de *snob* do amôr!

Arminda! Ha em ti o filtro do encantamento! Tu resumes todes as seduções e todos os sortilégios! Dos ritos demoniacos do amôr, tu possues todos os segredos!

—Olha lá... Quando terminas o meu retrato?

—Quando tu fôres *a mesma*...

—A palavra fatidica: *a mesma!*... E és tu, o artista singular, o *rafiné*, a sensibilidade nova, o coração da Hora!

Não! Não sou a mesma!

Como o poderia eu ser?

Tudo no mundo varia, nada se fixa. A vida é inconstante, mutavel, rapida, fugaz.

E' preciso saborear o prazer de viver. Como? Espreitando esse prazer em todos os olhos, surpreendendo-o em todas as bocas, gosando-o em todos os corpos...

—Basta! Torturas-me...

—Em amôr, a sinceridade é um estorvo. O amôr deve ser criado, para ser belo.

Perdeste o encanto da mentira,—que é o encanto do mistério.

Adivinhar, supôr, sugerir, — está aí o grande segredo da felicidade.

Eu, sou do meu século! Tu, és dos romanticos!...

Nunca pude supôr que entre a tua Arte e o teu coração houvesse um abismo tão fundo!

—Isso é tudo literatura! Estuque de literatura! Sim, sou sincero!

E depois?!... Deixa-me dizer-te tudo: tenho ciumes...

—Ciumes?... Ah! Ah!... E de quem?

—E' ridiculo, *mas é do século*... Da Maria Margarida!

Houve um silencio. Da sala, vinham rumores de vozes:

Arminda apenas explicou:

— Não tens razão! Um homem ter ciumes d'uma mulher, é um absurdo. E tão pouco elegante é esse teu ciume, que nem as leis, nem a sociedade t'o reconhecm... De resto, nada te autorisa a fazeres tão temerarios juizos...

Os olhos de Luiz tiveram um clarão singular:

— Ando excitado, sinto-me doente.

«Poupa-me, poupa-me, por tudo te peço!

«Mudemos de conversa...

Arminda sorriu, com ar de vitoria:

— Pois mudemos... Mas deixa-me dizer-te que o amôr nasce como nasce, como as flôres silvestres, — que não olham onde.

Safo é imortal por esse amôr que os seus versos tornaram divino.

E ouve, tu, ó adorador do *Jardim dos Suplicios*, tenho ali á minha cabeceira, as *Chansons de Bilitis* um dos ultimos livros d'aquele estranho Pierre Louys, que eu já tanto estimava da *Aphrodite*, onde afinal nós podemos vêr como é esteticamente maravilhoso esse amôr pelo qual finges agora um tão altivo desprezo...

— Rogo-te de novo, Arminda. Acabemos com literaturas! Desde que entrei na tua intimidade, não mais vi o mundo com os meus olhos de homem.

«Passei a ser um literato automato... Sobre a Margarida, corre com mais cuidado essa cortina de retorica, e, sobretudo, esconde-te mais da criada!...

— E's grosseiro!!!...

— Mais uma vez: sou sincero!!!...

Longo silencio. O pintor passeia pelo quarto, em todos os sentidos.

Arminda abriga-se por detraz do biombo, para acabar de se vestir.

Um pequeno *groom*, batendo á porta, anuncia:

— *Mademoiselle* Margarida previne que se encontram na sala todos os convidados.

Novo silencio.

Luiz fuma cigarros sobre cigarros. Arminda volta a debruças-se no espelho...

Estão ambos nervosos, e estudam-se, de revez, até que ele, sem dizer palavra, epileticamente, lhe toma entre as mãos enclavinhadas a cabeça, mergulha nos olhos d'ela os seus olhos doidos, e esmaga n'um beijo ferino aquela boca linda, tão incoerente e tão frivola.

Foi um instante, apenas.

Maria Margarida apareceu inquieta... E, seguindo-a, Arminda poude ainda murmurar para a palida face do pintor, n'um ar cortante de vingança:

— Foi o ultimo, Luiz!

OBJECTOS ANTIGOS E MODERNOS

Compra-se, vende-se e troca-se com especialidade moveis, louças, quadros a oleo, gravuras, etc. Antes de fazer qualquer transacção escrever um postal a **Antonio Pedro da Silva, Praça Luiz de Camões, 40, esquina da Rua das Gaveas,** telefone C. n.º 1096, antigo estabelecimento de Antiguidades e Joias, ouro e pratas em segunda mão.

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE — Recita de Alfredo Henriques — A celebre opereta

A MASCOTTE

Quarteto do *Rigoleto*, trechos das operas: *Sonambula, Bohème, Zázá, Aida* e canções portuguesas e brasileiras

ÁMANHÃ — Penultima e domingo ultima representação da *Prima Inglesa*

SEXTA-FEIRA — Recita de Laurinda de Almeida e Dulce d'Almeida — *A ultima valsa.*

SABADO — Recita de Alfredo de Sousa — *As intrigas no bairro.*

APOLO

TELEFONE N. 4129

Companhia JOSÉ RICARDO a que pertencem Eduardo Brazão, Maria Matos e Ilda Stichini

HOJE a linda peça

BODAS DE OURO

original de VASCO DE MENDONÇA ALVES

Continuam as enchentes — Bilhetes á venda para toda a semana

A seguir: Festa de José Ricardo com **O Centenario**

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Corpos e almas

Joaquim Leitão afastou-se da politica activa, mas não se afastou da literatura, que é uma especie de jardim em que descança da aridez da vida pratica. De resto, a literatura, em Portugal, é uma distração em que se perde tempo, a não ser que um jornalismo intenso ou um humorismo de revista esgotem o talento e compensem o trabalho.

A fórma de conto que Joaquim Leitão adoptou para traduzir as suas impressões não é a mais facil, como todos sabem, mas é a que mais se adapta á intensidade da vida moderna, que quasi não dá tempo para ler ou escrever romances. As nossas proprias vidas já não têm romance, compõem-se apenas de episodios soltos, mais ou menos interessantes, mais ou menos banais e são esses que o observador aproveita e que Joaquim Leitão descreve com singular elegancia.

As duas cartas de Inglaterra são, no meu gosto, dos trechos mais graciosos do livro, embora um pouco severas para Portugal, que é compensado na breve e espirituosa resposta do português que não foi ao estrangeiro desnacionalisar-se.

O conto Shodado *dá-me uma novidade a respeito da existencia d'um equivalente da nossa palavra saudade em russo, o que mais acentua a minha convicção de que os russos têm uma alma intimamente parecida com a nossa.*

O conto A ultima granada, *que fecha o livro, é um quadrosinho que impressiona pela simplicidade verdadeira. Quantos episodios singelos e tragicos decidiram assim a vida das creaturas durante a guerra maldita, que tudo transtornou n'este mundo, sem vantagem para ninguem.*

Mas eu não sou critica, nem pretendo se-lo, digo apenas aqui umas impressões ligeiras, n'uma conversa leve de Chá das Cinco, *em que se traçam observações sem pretenção, sobre coisas de momento.*

Maria de Carvalho

Miranda & Filhos
Joalheiros
PORTO LISBOA

Amôr desinteressado...

Antonio Clemente, pateo de S. Vicente, queixou-se á policia, de que a sua amante Gertrudes Martins, se ausentára de casa, furtando-lhe a quantia de 1.300 escudos.

CAMBIOS

DIA 23

	Comprador	Vendedor
£/Londres, cheque	—	2 15/32
» 90 dias	—	—
$/Paris	—	1$400
$/Berlim	—	4
$/Holanda	—	8$220
$/Madrid	—	3$205
$/Bruxelas	—	1$208
$/Roma	—	1$015
$/Suiça	—	3$790
$/Suecia	—	—
$/Noruega	—	—
$/Dinamarca	—	—
$/Nova-York	—	20$975
$/Brasil	—	—
Rio $/Londres	—	5 13/32
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

O NOSSO INQUERITO

O GOVERNO E A DISSOLUÇAO da Sociedade Artistica do Teatro Nacional

João Correia de Oliveira

Cabe hoje a vez a João Correia de Oliveira de responder ao nosso inquerito sobre a reforma do teatro Nacional.

Eis o que nos disse o feliz autor de *Os Lobos* e da *Ribeirinha:*

—Li ha dias, num jornal, o diploma que dissolveu a sociedade artistica... melhor, a sociedade comercial que tem estado a mercadejar com o nosso primeiro teatro de declamação.

—E a sua opinião?

—Sobre o diploma? Que não passa da constatação oficial, burocratica, de um facto sabido.

Ha muito que a sociedade estava em dissolução. E tão adeantada que era preciso passar de largo... Já não se lhe suportavam as exalações!

—Mas o decreto?

—Não passa de uma certidão de obito.

—Não compreendo...

—Ora essa! Um gesto forçado, mais nada!

Não se adivinha, por detrás dele, a impulsão forte e expontanea de uma ideia reconstrutiva.

Pelo contrario: vê-se que teve a sua origem na *impossibilidade*, por mais tempo, de conservar aquilo como estava, não porque aquilo. tal como estava, ferisse, como na verdade feria, os interesses superiores da Arte — mas porque atingindo um aspecto de escandalo, o Estado se viu coagido a intervir — por decencia.

—Mas a reforma que se prepara...

Correia de Oliveira tem um sorriso de doloroso septicismo, e responde:

—Oxalá me enganasse! Mas estou convencido que nada remediará. Reformar é de algum modo actualizar. E na comissão nomeada não entra o nome dum homem de teatro moço, que possa representar, no seio da comissão, o espirito da hora que passa.

Compreende que é dificil dizer-lhe coisa definitiva sobre tão melindroso assunto...

—Mas duma maneira geral...

—Ah! *Grosso modo*, e de momento, posso dizer-lhe que o que se impunha, a seguir á dissolução, era uma reforma radical que, restituisse ao Teatro Nacional o prestigio da missão artistica e da finalidade educativa para que foi criado. O ideal seria, portanto, que o Estado o mantivesse como quem mantem uma Escola, não se poupando, para isso, ao sacrificio de algumas centenas de contos anuais, caso eles viessem a ser necessarios, para colocar ao abrigo dos caprichos de bilheteira a sua obrigação de, contra todos os obstaculos, desenvolver e dignificar a arte dramatica nacional, quer estimulando-lhe a criação, quer aperfeiçoando-lhe os processos de realização scenica.

—Porém, desde que o Estado se confessa incapaz desse sacrificio, não lhe parece haver outra salvação?

—Sem duvida: a da entrega do teatro, por adjudicação anual e mediante concurso, a uma companhia, com elementos de reconhecido merito—sobretudo gente môça. A essa companhia imporia o Estado, sob pena de rescisão do contrato, em caso do não cumprimento, senão todas, pelo menos o maximo das obrigações que impenderiam sobre o teatro, se ele funcionasse como teatro normal.

—Quais seriam elas?

—De uma maneira geral, as de proteger a dramaturgia portuguesa, representando a maior porção possivel de originais nossos em condições de montagem e de desempenho que lhes realçassem o valôr. Para este efeito, o funcionamento dessa companhia seria fiscalizado por um comissario do governo com categoria profissional e por um delegado eleito dos autores com atribuições oficiais definidas na escolha do reportorio e na resolução dos conflitos que podessem emergir.

—E quanto a traduções...

—O menos possivel e o melhor possivel! De teatro estrangeiro, só aquele que, pelo seu alto vôo, nos trouxesse ensinamentos e elevação. E este exclusivamente transportado para a nossa lingua por autores representados, a fim de se evitarem as miserias literarias que a entrega de traduções a puros *amadores* tem feito passar pelos nossos palcos...

De quem será?

Em poder do agente Esteves, da 2.ª secção, encontra-se uma joia de grande valor com brilhantes e diamantes que entregará a quem provar pertencer-lhe. A referida joia foi apreendida a uma presa, não se sabendo se foi achada ou roubada.

ESCOLA MATERNAL

Em primeira convocação, reune ámanhã, ás 21 horas, na sua séde provisoria, rua de S. Nicolau, 59, 2.º, a assembleia geral da Escola Maternal n.º 1.

José Serpa Pinto

Tem estado bastante doente, guardando o leito, o nosso amigo sr. José Serpa Pinto.

Em flagrante...

Antonio de Carvalho que diz residir na rua do Sol á Graça, 69, foi, em tempos, empregada numa agencia de vapores, no largo do Corpo Santo, 10, de onde foi despedido por ter ali praticado algumas falcatruas.

Hoje de manhã foi apanhado na referida agencia, em flagrante, a roubar um sobretudo e uma bengala com castão de prata, motivo porque foi preso.

Ao chegar á porta daquele edificio, tentou evadir-se, sendo recapturado na rua Anchieta.

Suspeita-se que o Carvalho seja o autor de varios furtos ultimamente praticados naquela agencia.

O "FOOT-BALL" INTERNACIONAL

O desafio

entre portugueses e galegos

QUEM VENCERA

no encontro de domingo?

Chegam depois de ámanhã a Lisboa os jogadores do «onze» representativo da Galiza, que veem jogar a segunda mão do encontro Galiza-Lisboa.

A linha galega vem fortemente constituida: «Guarda-rêde», Izidro; «defezas», Rey e Clemente; «medios», Cordoba, Balbino e Machin; «avançados», Reigosa, Ramon, Posada, Polo e Pinilla.

O primeiro encontro, efectuado em Vigo, viu a vitoria dos galegos por 3 bolas a 1. Os nossos homens fizeram então um jogo admiravel, que muito impressionou os adversarios, e o resultado não correspondeu bem á maneira como os nossos se conduziram. Um empate —foi a imprensa galega que o disse—traduziria melhor a fisionomia do encontro.

Já porque o desafio de domingo proximo é jogado em terra nossa, num ambiente de entusiasmo favoravel aos portugueses; já porque a seleção de Lisboa se encontra mais fortemente constituida que a que foi a Vigo—sendo quasi a que formou para o «match» Portugal-Espanha—é-nos licito esperar uma vitoria do «onze» português.

Demais, comquanto a selecção galega se apresente forte e homogenea, faltam-lhe, comtudo, alguns jogadores de grande classe e até «internacionais». Citaremos: Otero, Pasarin e Queralt.

Os guarda redes dos dois «teams» equivalem-se. Os nossos «defesas» são bastante superiores aos visitantes. Os «medios» equilibram-se—talvez com ligeira vantagem para nós.

Onde, porém, o grupo visitante nos excede, e por muito, é na linha deanteira, composta de cinco autenticos «ases», com um trio central—Ramon, Posada e Polo—que são o terror dos «guarda-redes».

Diziam os portugueses que foram a Vigo assistir ao primeiro desafio, que:

«Quando Posada tinha a bola nos pés, a gente estava a vêr os «meias-pontas» a fazer «goal».

A nossa «defesa» encontra-se, porém, tão bem constituida, e tão bem tem provado nos treinos, que essa forte linha deanteira terá que trabalhar muito para conseguir marcar.

E as circunstancias acima apontadas, permitem-nos—repetimos—esperar uma brilhante desforra do 3 a 1, sofrido por nós em terras da Galisa.

Portugal

na Federação Internacional

LAUSANNE, 22. — A Federação Internacional de Football Association, reunida em congresso, nesta cidade, resolveu, na sua sessão de abertura, admitir a filiação de Portugal, filiação que lhe havia sido pedida pela União Portuguesa de Foot ball.—(Especial).

Os uniformes da armada

Vão sofrer umas pequenas alterações os uniformes do pessoal da armada.

Canhoneira "Bengo"

Parte ámanhã para o Algarve a fim de ser tambem empregada no serviço de fiscalização da pesca, a canhoneira *Bengo*.

VIDAGO PALACE-HOTEL

Concessionarios e gerentes:

Cesario & Ramalho

(socio fundador da Garrett)

Abertura em 1 de julho

Grande Casino e Salão de Festas

Prestam-se todos os esclarecimentos até 15 de junho na R. D. Pedro V, n.º 2. (Pensão Moderna).

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

O ESPOLIO DE UM PRESIDENTE

O leilão

dos quadros e objectos de arte DE SIDONIO PAIS

por vontade da familia

O sr. dr. Manuel de Arriaga—grande honestidade politica numa linda alma romantica—deixou alguns quadros de arte portuguesa, de que a familia, com saudade, se desfez, por circunstancias que não vêm ao caso. Com que tristeza a esposa e os filhos do ex-Presidente veriam sair de sua casa aquelas ingenuas composições de arte, paisagens e interiores quentes, nos quais tanta vez se apagou o olhar do antigo tribuno!

Tambem agora—esta noite mesmo—se realiza «a praça» dos quadros e objectos de arte que pertenceram ao malogrado dr. Sidonio Pais, objetos e quadros que o seu gosto artistico, ás vezes desprevenido, conseguiu reunir na estada diplomatica em Berlim, e na fulgurante e agitada passagem pelo Paço de Belem.

Depois do leilão dos livros, não ha nada mais confrangedor do que um leilão de arte. São bons, são maus os quadros? São lindas, são imperfeitas as obras de arte?

São sempre qualquer coisa que viveu no espirito de alguem, e que a esse espirito deu suaves provas de ternura subjectiva, em horas de desgosto ou incerteza moral.

Os quadros e objectos que esta noite são vendidos não constituem uma riqueza. Mas sempre são um valor: uma «descida da cruz», da escola italiana, em oleo por identificar, uma miniatura, outro quadro a oleo, paisagens, retratos, arte sagrada. Umas telas da escola flamenga e holandesa do seculo XVII, outras do seculo XVIII, de arte francesa, e ainda uma outra miniatura assinada pelo pintor alemão Antone Greff, muito bonita, juntamente com aguarelas e outros objectos de menos relevo.

O dr. Sidonio Pais foi um homem que deixou adversarios irredutiveis e dedicações profundas, sentimentais. Irão as pessoas que foram da sua privança adquirir logo á noite os objectos que foram da sua estima?

Não nos ha de passar nunca da memoria um leilão de joias da rainha D. Maria Pia — e que lindas peças de arte e milagrosa demonstração de bom gosto! Foram parar quasi todas á posse de ricos de suspeito bom gosto e outras demoraram de montra em montra, como os objectos grosseiros do ouro vulgar das varinas ou como as esmeraldas das cortezãs que se gastaram cedo.

O leilão dos quadros do sr. dr. Sidonio Pais não é um acontecimento. Ha leilões todos os dias. (E que tragedias as dos leilões!...) Mas sempre é uma demonstração da fragilidade das cousas terrenas, e da honestidade vivida de certas pessoas, a quem a politica não perdoa sequer o ter sido pobre.

Malas postais

A'manhã são expedidas malas postais; pelo «Curvelo», para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus, Rio de Janeiro e Santos, e pelo «Desna», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral para ambos.

Provem os bifes
GRANDE ESPECIALIDADE
LEITARIA CHIC
Praça dos Restauradores, 20

POLITEAMA HOJE
GRANDE SUCESSO
A Luva de Ricardina

A POLITICA DE HOJE

O PARTIDO UNIONISTA vai ser ressuscitado por Brito Camacho?

Brito Camacho

O politico seguia pela rua do Ouro, a assoprar o calor, um sorriso maquilhado de suor na face rechonchuda.

Nem ar solene de pessoa que tudo sabe e nada diz, nem fisionomia falsamente modesta de cavalheiro que não sabendo nada, pretende que o jornalista o interrogue para lhe responder como quem não sabe o que diz. Ia discreto.

Abordámo-lo suavemente. Captámo-lo, com esta frase sempre cheia de novidade — quando não faz frio:

— Sempre está um calor!

— De rachar!

Meio minuto de interrupção, caminhando sempre. E a seguir:

— E de politica?

— Quente, tambem. Trinta e oito á sombra.

— O incidente nacionalista...

— Frio, muito frio, gelado, mesmo. Liquidou.

— O bloco oposicionista não volta á camara?

— Ha de voltar. Regressarão todos, ainda que entrem á formiga, como de resto saíram á formiga. O partido não tem coesão. E não admira...

— Por causa das varias facções que nele estão integradas?

— A proposito: e se tomassemos um gelado?

Já perante o testemunho de duas carapinhadas, o politico — que é deputado e está fora da camara — respondeu ao pensamento do jornalista:

— Façamos o balanço das forças nacionalistas. Um lote de unionistas, que já vem dos tempos antigos; um lote de evolucionistas, idem, idem; um outro lote, menos numeroso mas não menos aguerrido, de antigos centristas e até presidencialistas; outro lote, ainda, de reconstituintes e por ultimo os nacionalistas da Republica...

— Tambem ha nacionalistas, monarquicos?!

— Não! Nacionalistas do jornal «Republica», que é como quem diz, nacionalistas do sr. Ribeiro de Carvalho. Ora, meu amigo, muita gente junta...

— Disside...

— Eu ia a pronunciar: «não se salva». Mas se prefere...

— Prefiro que profetise a solução do problema politico...

— Não é necessario deitar cartas, nem folhear oraculos. Antes de mais nada aceite este axioma: isoladamente, cada parlamentar nacionalista anceia por reocupar o seu «fauteiul». Desejam-no até alguns daqueles que mais se descobriram no estalar o conflicto. Se o não fazem...

— Eu sei... A disciplina partidaria.

— Mas como dentro do partido ha varios partidos, ha de resultar fatalmente que as correntes de mais seguros trunfos farão com as mais desprotegidas um jogo de aspecto familiar no qual, no entanto, os que vencerem não ficarão dispostos a desistir do lucro...

— E as consequencias desse jogo?

— Estas: a ressurreição do velho partido unionista e a organização dum novo agrupamento politico que terá, porventura, como chefe o Alvaro de Castro.

— E quem presidirá ao partido unionista?

— Brito Camacho.

— Garantiram-me que abandona a politica partidaria, que a sua declaração de ha poucos meses está mais do que nunca de pé...

— Não se iluda. Ha factos que obrigam os politicos de envergadura a aceitar situações a que renunciaram. Mas se outro chefe vier a ter o partido unionista, creia que a orientação lhe será dada, embora ocultamente, pelo antigo director da «Luta». A politica, como o sarampo, ataca os homens pelo menos sete vezes...

— E dando de barato que tudo sucederia do modo que refere, o que irá passar-se antes de se chegar a essa conclusão?

— Vai ser convocada uma reunião de nacionalistas. O Directorio pedirá, nessa assembleia, a sua demissão.

— Será aceite?

— Tão certo como eu ser deputado.

— E depois?

— O partido nacionalista convocará uma reunião extraordinaria do Congresso.

— E...

— Acontecerá o que lhe referi. Unionistas a um lado, reconstituintes a outro.

— E os antigos evolucionistas?

— Na sua maior parte engrossarão as fileiras reconstituintes.

— Com o rotulo «reconstituinte»?

— Não! Já lhe afirmei que será organisado um novo grupo. E se nós tomassemos mais um gelado?

Ministro das Colonias

Já hoje compareceu na sua secretaria tendo dado um largo despacho o sr. ministro das Colonias.

Mecanicos e faroleiros

Vai á proxima assinatura o decreto fixando os novos vencimentos dos faroleiros e mecanicos.

Pelos teatros

Carlos Selvagem

A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, que notavelmente se tem distinguido pela montagem dos nossos originaes, resolveu levar á scena, no proximo sabado, como festa de homenagem a Carlos Selvagem, o belo drama Entre Giestas, *incontestavelmente uma obra prima no moderno teatro portuguez.*

Vae ter ocasião o autor de O Herdeiro *de assistir á representação da sua peça de estreia, e de aplaudir, pela primeira vez, o notabilissimo desempenho que, ao humano papel de* Clara, *dá o talento maleavel de Amelia Rey Colaço.*

Será uma noite de gloria, pois, a do proximo sabado no Politeama—tanto para o autor de Entre Giestas *como para os seus interpretes.*

Atrás do reposteiro

Realiza-se na proxima sexta feira, 25, em récita de autor, a 15.ª representação da peça «A luva de Ricardina», de Ricardo Durão, que a critica recebeu com geral agrado, e que tem despertado grande interesse no publico.

—A acção da peça «Filha de Lazaro», original de Norberto Lopes e Chianca de Garcia, em ensaios no Politeama, passa-se em Trás-os-Montes, num ambiente rustico.

—Pensa-se na realisação de uma curta exploração do teatro Nacional, durante os meses de verão, em virtude da autorização concedida pelo ministro da instrução para esse efeito.

—Os estudantes de direito da Faculdade de Lisboa, que ha dias efectuaram a sua récita em S. Carlos, «promoveram» o actor Humberto do Amaral, em sinal de reconhecimento por os haver ensaiado, «Caloiro honorario», da mesma Faculdade, oferecendo-lhe as respectivas «insignias».

—Estreia-se ámanhã, em Vigo, no teatro Odeon, a «Troupe Portugalia», que inicia ali a sua «tournée» pelo estrangeiro.

—A companhia Nascimento Fernandes realisa, na na proxima sexta feira, no Aguia de Ouro, do Porto, a «première» da peça «O Arroz Dôce».

—O actor Ribeiro Lopes realisa a sua festa, no Politeama, no dia 5 do mês proximo, com a ultima representação da peça de Carlos Selvagem, «O Herdeiro».

—Confirma-se a noticia que demos ha dias, de que o actor José Ricardo faz brevemente, no Apolo, a sua festa com a «reprise» de «O Centenario».

—Chegou hoje a Lisboa, a bordo do «Bagé», o empresario Rangel Junior, que vem em viagem de recreio com sua esposa a actriz-cantora brasileira Lêda Vieira, que tenciona fazer, entre nós, uma temporada teatral.

—O comico, criado por Leone, da opereta de costumes lisboetas, «Intrigas no Bairro», vai ser interpretado pelo actor Alfredo de Sousa, na noite de sabado, em que se efectua no S. Luís a sua festa artistica.

—O empresario sr. Macedo e Brito já fechou contracto com a empresa do S. Luís para a exploração deste teatro, no verão, com uma companhia de comedia e farça, da qual fazem parte os artistas Maria Pia, Helena de Castro, Albertina de Oliveira, Silvestre Alegrim, Clemente Pinto, Joaquim de Oliveira, Matos Reis. A direcção artistica é do sr. Macedo e Brito.

— Estreou-se ontem, no Sá da Bandeira, do Porto, a companhia Palmira Bastos, com a peça *Mamã Colibri*. O teatro estava repleto de tudo quanto o Porto conta de mais distinto, tendo sido Palmira Bastos alvo das maiores demonstrações de apreço e de aplausos.

— Alfredo Henriques que é um cantor distinto e um actor correctissimo, realisa hoje a sua festa artistica com um escolhido programa. O espectaculo consta de dois actos da opereta *A Mascotte* e uma parte de variedades em que serão cantadas: uma aria da *Sonambula* por D. Raquel Bastos; arias da *Bohème* por D. Ema Cordeiro e Miguel Orrico; da *Zázá* por Nicolau da Cunha e da *Aida* por Beatriz Baptista; quarteto do *Rigoletto* por D. Raquel Bastos, Aldina de Sousa, Sales Ribeiro e Alfredo Henriques, e canções portuguesas e brasileiras por Auzenda de Oliveira.

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—A's 21—Festa de Alfredo Henriques.
Politeama—A's 21,30—«A Luva de Ricardina».
Avenida—Ás 21—«Madalena arrependida».
Apolo—Ás 21—«Bodas de Ouro».
Eden-Teatro—A's 8,30 e 10,30—«O 31».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Festa do maestro Zeetti.
Gil Vicente—Não ha espectaculo.

Animatografos e variedades

Politeama—A's 14 e ás 23,30—Fitas cirurgicas.
Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 °|o

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

TOSSE

CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE
DR. ANDREU DO BARCELONA
a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.
A venda as Pharmacias e Drogarias

DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS
GIMENEZ-SALINAS & C.ª
9, Rua Nova da Trindade, 1.°—LISBOA

MOVEIS ESTOFADOS
E
DECORAÇOES ARTISTICAS

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelos moveis generos inglês e americano, que primeiro começou a construi-los e onde hoje se adquirem os melhores, mais confortaveis e elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues de varios modelos, é na

FABRICA DE MOVEIS INGLESES E AMERICANOS
GIL DIAS D'ASSUMPÇAO
(FORNECEDOR DA LEGAÇAO DE INGLATERRA)
29-33, RUA DO SACRAMENTO Á LAPA, 29-33—TELEFONE C. 1.884
(Deposito do Piperinol)

'G. ADAM'

Pianos alemães de solida construção a preços reduzidos
ALUGUEIS, REPARAÇÕES E AFINAÇÕES
LARSEN, LIMITADA
130, Avenida da Liberdade, 130 Tel. N. 3546

Companhia de Cabinda

Emissão de acções

São avisados os Srs. Subscriptores da ultima emissão de que têm de efectuar o pagamento da 3.ª prestação das acções com que subscreveram, até ao dia 30 do corrente mez, em todos os dias uteis, das 12 ás 15 horas.

CONFORTAVEIS
ESTOFADOS PELO SISTEMA INGLEZ

EXECUTAM-SE TODOS OS MODELOS
CASTANHEIRO FREIRE L.A
Praça Luiz Camões, 37

AVESTA

TRADEMARK REGISTERED
AVESTA

A GRANDE MARCA ALLEMA

A lamina mais cortante e a que maior numero de barbas dá.
A' venda nas boas casas da especialidade.
Representantes exclusivos:
Schroeter & C.ª
RUA DE S. JULIAO, 5, S|LOJA
Tel. C. 552 — LISBOA

Companhia de Comercio de Creação, Ovos e Fructas

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 17 do corrente, outorgada perante o notario abaixo assinado, foi constituida uma sociedade anonima de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

CAPITULO I

Denominação, Séde, Objecto e Duração

Artigo 1.º

E' constituida nos termos da lei e destes estatutos uma sociedade anonima de responsabilidade limitada com a denominação de Companhia de Comercio de Creação, Ovos e Fructas, duração indeterminada e séde em Lisboa.

Art. 2.º

O objecto da sociedade é a compra nos diversos mercados do paiz de todos os artigos que o seu titulo indica, bem como o exercicio de qualquer ramo de negocio que seja vantajoso á Companhia, excluindo o bancario.

CAPITULO II

Capital e acções

Art. 3.º

O capital social è de 500.000$00 em dinheiro, todo subscrito e dividido em 5.000 acções de 100$00 cada uma.

§ 1.º—Cada um dos subscritores pagou já 50 0|0 por conta da sua respectiva subscrição; e os 50 0|0 restantes hão de ser pagos dentro do praso de 3 mezes.

§ 2.º—O capital poderá ser aumentado por uma ou mais vezes para ocorrer ao desenvolvimento da sociedade.

§ 3.º—As acções serão representadas por titulos de 1, 5 e 10 acções.

Art. 4.º

As acções são transmissiveis nos termos geraes de direito e podem ser nominativas ou ao portador e reciprocamente convertiveis á custa dos interessados.

CAPITULO III

Administração social

Art. 5.º

A administração dos negocios da Companhia é confiada a uma Direcção composta de 4 membros efectivos, eleitos pela Assembleia Geral para servirem por 3 anos.

Art. 6.º

Os directores vencerão o ordenado mensal determinado pela Assembleia Geral sem prejuiso do disposto no art. 27.º

Art. 7.º

A posse do cargo de director depende do deposito feito na caixa da sociedade de 50 acções livres de quaesquer encargos e endossadas em branco quando não forem ao portador, as quais servirão de garantia á responsabilidade da sua gerencia.

§ 1.º—Desse deposito se lavrará auto assinado pelos membros da Direcção e Conselho Fiscal.

§ 2.º—Do levantamento desse deposito se lavrará auto assinado pelo antigo director que o tenha constituido ou por seu legitimo representante, e pelos membros da nova Direcção e do novo Conselho Fiscal.

Art. 8.º

A direcção tem os mais amplos poderes para gerir os negocios da Sociedade, sob fiscalisação do conselho fiscal e as atribuições de soberania da Assembleia Geral; e assim incumbe-lhe: 1.º — Representar a Companhia em juizo e fóra dele, tanto activa como passivamente, expedindo os documentos que importem responsabilidade social, sempre assinados pela maioria, exceptuando o serviço de mero expediente; 2.º — Eleger o seu presidente e distribuir pelos seus membros os serviços, de modo que não se faça sentir a sua falta para a resolução dos negocios administrativos; 3.º — Transigir amigavel ou judicialmente sobre os interesses da sociedade podendo até comprometer-se em arbitros; 4. — Nomear os empregados, fixando lhes a fiança, suspendê-los, demiti-los e fixar-lhes ordenados; 5. — Fazer os regulamentos necessarios para os diferentes ramos de serviço; 6. — Consultar o Conselho Fiscal em todos os cases importantes ou de solução dificil ou não previstos, resolvendo-os a bem da Companhia: 7.º — Ter a escrituração da Companhia sempre em ordem e em dia e de forma a que seja apresentado mensalmente um balancete ao Conselho Fiscal; 8.º — Facultar a escrituração ao exame de qualquer dos membros do Conselho Fiscal que assim o exija; 9.º — Enviar a cada um dos acionistas, cujo domicilio conste dos registos da Companhia, e relatorio da gerencia, de cada ano; 10.º — Ter na séde da Companhia, pelo espaço de 15 dias, e de modo a poderem ser examinados pelos acionistas, os documentos comprovativos das contas, bem como a lista dos acionistas que possam constituir a Assembleia Geral

Art. 9.º

A direcção reunir-se-ha na séde da Companhia tantas vezes quantas necessarias, mas nunca menos de uma vez por semana e sempre que seja convocada por qualquer dos directores ou dos membros do Conselho Fiscal.

§ unico — Haverá um livro de actas em que serão registadas todas as deliberações da direcção e ainda aquelas em que intervier conjuntamente o Conselho Fiscal

CAPITULO IV

Conselho Fiscal

Art. 10.º

A fiscalisação da administração social é confiada a um Conselho Fiscal composto de 3 vogais eleitos pela Assembleia Geral nos mesmos termos e pelos mesmos prasos que os membros da Direcção.

§ unico — Para os impedimentos dos vogais do Conselho Fiscal serão eleitos 2 substitutos.

Art. 11.º

Para qualquer vogal do conselho fiscal entrar em exercicio é obrigatorio o deposito de 25 acções, o qual será feito para o fim e nos termos do art. 8.º e seu § 1.º, e será levantado nos termos do § 3.º do mesmo art.

Art. 12.º

O Conselho Fiscal reunir-se-ha ordinariamente uma vez por mez e sempre que seja convocado pela direcção ou que qualquer dos seus membros o convoque por motivo justificado.

§ unico—Haverá um livro de actas em que serão registadas todas as deliberações do Conselho Fiscal.

Art. 13.º

Os vogais do Conselho Fiscal ou os seus substitutos receberão por cada sessão a que assistirem, nos termos do art. antecedente, uma cedula de presença do valor a determinar pela Assembleia Geral, além do que determina o art. 27.º.

Art. 14.º

Ao Conselho Fiscal incumbem as atribuições mencionadas no art. 17.º, seus numeros e §§ do Codigo Comercial e ainda: 1.º—Assistir ás sessões da direcção quando convocada para esse fim, e dar sôbre os assuntos que nelas se tratarem o seu voto consultivo. 2.º—Reunir e deliberar com a direcção sobre o aumento do capital social, nos termos do § unico do art. 3.º e sobre a distribuição do dividendo anual.

CAPITULO V

Assembleia Geral

Art. 15.º

A Assembleia Qeral representa a soberania dos accionistas e as suas decisões são obrigatorias para todos.

Art. 16.º

As Assembleias Gerais são compostas por accionistas possuidores de 10 ou mais acções desde que as depositem ou averyem em seu nome 10 dias antes do marcado para a reunião.

§ 1.º—Cada accionista terá um voto por cada grupo de 10 acções que possuir, salvos o limite determinado no § 3.º do art. 183.º do Codigo Comercial.

§ 2.º—Os accionistas ausentes poderão fazer-se representar por procuração e estas podem ser conferidas em documento particular ou em simples carta dirigida á direcção.

§ 3.º—As procurações a que se refere o § anterior só são admissiveis quando apresentadas, pelo menos, 3 dias antes da reunião, e só devem ser conferidas a quem tenha entrada na Assembleia por direito proprio.

Art. 17.º

A meza da Assembleia Geral compôr se-ha de 1 presidente, vice-presidente e 2 secretarios eleitos pela Assembleia Geral de 3 em 3 anos.

§ unico—As suas faltas ou impedimentos suprir-se-hão nos termos dos §§ 2.º e 3.º do art. 182.º do Codigo Comercial.

Art. 18.º

A Assembleia Geral reunir-se-ha ordinariamente uma vez cada ano social, até ao dia 15 de Março, para os fins do art. 179.º e seu § do Codigo Comercial, e extraordinariamente quando a Direcção ou o Conselho Fiscal o julgarem necessario, ou ainda quando a reunião seja requerida por um grupo de accionistas que representem, pelo menos, a quarta parte do capital social.

§ unico.—As convocações das Assembleias Gerais serão feitas com 15 dias, pelo menos, de antecedencia e por meio de anuncios e cartas dirigidas aos accionistas donos de acções nominativas devidamente averbadas, cuja morada conste dos registos da Companhia.

Art. 19.º

Os incapazes, os menores, as sociedades e as mulheres casadas serão representadas pelas pessoas a quem essa representação legalmente incumba.

Art. 20.º

As votações terão logar por chamadas ou por escrutinio, conforme fôr resolvido pela Assembleia.

Art. 21.º

A Assembleia ordinaria ou extraordinaria poderá funcionar logo que meia hora depois da indicada nos avisos estejam presentes ou representados accionistas, cujas acções representem, pelo menos, uma quarta parte do capital social.

§ unico.—Exceptuam-se da regra estabelecida neste artigo as Assembleias convocadas para deliberar sobre a reforma dos Estatutos, redução ou reintegração do capital social, dissolução, fusão ou qualquer alteração do pacto social, que não resulte do disposto no § 2.º do art. 4.º, as quais sómente poderão resolver validamente com accionistas presentes ou representados, cujas acções representem, pelo menos, metade do capital social.

Art. 22.º

Se a Assembleia Geral, tanto no caso da regra estabelecida no artigo antecedente, como no da excepção do seu §, não puder ser constituida, far-se-ha convocação para nova reunião pela mesma forma estabelecida no § unico do art. 21.º, reunião que deverá ter logar dentro de 30 dias, mas não antes de 15.

§ unico.—Nesta segunda reunião serão validas as deliberações tomadas com qualquer numero de votos, e qualquer que seja o capital representado, salvo o disposto no § 1.º do art. 131.º do Codigo Comercial.

Art. 23.º

Compete á Assembleia Geral ordinaria: 1.º—Eleger os accionistas que tiverem de compôr a Mesa, a Direcção e o Conselho Fiscal; 2.º—Conhecer de todos os actos da administração e fiscalização da sociedade; 3.º—Tratar de todos e quaisquer assuntos que tenham sido indicados nos avisos convocatorios.

Art. 24.º

E' permitida a reeleição para todos os cargos da Companhia.

Art. 25.º

Compete ao presidente da Assembleia Geral, além das funções ordinarias do seu cargo, rubricar as folhas e assinar termos de abertura e encerramento dos livros das posses e dos de actas da Direcção, do Conselho Fiscal e da Assembleia Geral, e mais livros selados.

Art. 26.º

As deliberações da Assembleia Geral são comprovadas pelas actas lançadas no livro proprio e assinadas pelo presidente e secretarios da mesa.

CAPITULO VI

Balanços e Dividendos

Art. 27.º

No fim de cada ano proceder-se-há a balanço e depois de abatidos todos os encargos da administração e despesas ordinarias, o saldo representará a totalidade dos lucros liquidos anuais da Companhia, que terão a seguinte aplicação: 1.º—5 °|o para fundo de reserva; 2.º—O necessario para distribuir aos accionistas um dividendo; 3.º—O necessario para pagamento de imposto de rendimento e mais contribuições; 4.º—Uma percentagem para a Direcção e Conselho Fiscal cuja importancia será fixada pela Assembleia Geral; 5.º—Se houver saldo, será aplicado conforme deliberação da Assembleia Geral, por proposta da Direcção e Conselho Fiscal.

CAPITULO VII

Disposições gerais

Art. 28.º

O ano social começa em 1 de Janeiro e termina em 31 de Dezembro de cada ano.

Art. 29.º

Em caso de dissolução, a Assembleia Geral extraordinaria que fôr convocada para esse fim, nomeará os liquidatarios e regulará o modo de proceder á liquidação e partilha, sem prejuiso no disposto no art. 131, § 1.º do Codigo Comercial.

Art. 30.º

São desde já nomeados directores efectivos para o 1.º trienio os srs. José de Sousa Guedes Machado, que costuma assinar J. Guedes Machado, Carlos Maria Eugenio de Almeida, Antonio Manzoni de Sequeira e Alfredo Augusto Canelas, que costuma assinar Alfredo Canelas.

Art. 31.º

A Assembleia Geral reunir-se-há em seguida ao registo destes estatutos, para a eleição da Mesa e do Conselho Fiscal e seus substitutos.

Lisboa, 18 de Maio de 1923

O Notario,

Antonio Tavares de Carvalho

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE NEW-YORK

O OURO EM 1922

O que se produziu na America do Sul sóbe a onze milhões de dollars

NEW-YORK, 23

Segundo um relatorio preliminar do instituto americano de ouro e prata, a produção mundial de ouro em 1922 elevou-se a 14.841.136 onças num valor de 303.793.000 dolares contra 15.502.000 onças em 1921 e 16.561.158 em 1920.

O numero mais alto da produção foi em 1915 com 22.870.000 onças.

A contribuição do Canadá para a produção de 1922 foi de 25.147.000 dolares; a dos Estados Unidos de 47.096.000 e a do Mexico 15.500.000 de forma que para a America do Norte entrou um total de 90.043.000 dolares. Por outro lado, a Africa encontra-se na lista como um dos paises mais produtores; a sua produção foi no valor de 163.650.000 de dolares ou seja 53, 3 °/o da produção mundial (contra 29 3 °/o para a America do Norte). A America do Sul produziu 11 milhões de dolares ou seja 0, 7 °/o e a Europa 600.000 ou 0,2 °/o. O valor da produção na Australia elevou-se a 20 milhões de dolares, 6,5 °/o da produção mundial; ela é superior cerca de 500.000 dolares á da Asia.—(R.)

O opio

e a sua venda em todo o mundo

NEW-YORK, 23

O governo mostra-se empenhadissimo em conseguir a supressão da venda dos estupificantes nos Estados Unidos. O consumo do opio, da morfina e da cocaina estão imensamente espalhados produzindo grandes estragos na população.

O sr. Stephen Porter provou com documentos que o comercio do opio aumenta em todo o mundo, e que o comercio destas drogas nos Estados Unidos aumentou depois de ser posta em pratica a lei que proibe o consumo das bebidas alcoolicas.—(R.)

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

O "FASCISMO" EQUILIBROU O ORÇAMENTO ITALIANO

De Stefani voltou aos antigos moldes da sciencia financeira

O ministro das Finanças do governo Mussolini antes de apresentar ao Parlamento o seu plano orçamental, apresentou-o directamente ao povo numa sessão publica realizada há dias em Milão. O caso, absolutamente novo nos anais do Constitucionalismo, revela bem, mais uma vez, quanto é secundario o papel dado pelo fascismo ao Parlamento; e merece, por isso, que o registemos como interessante fenomeno politico que é, para o estudo da evolução social do nosso tempo.

Num país como a Italia apegado tradicionalmente ás formulas parlamentares, a inovação do professor De Stefani causou surpresa geral, e determinou, mesmo, da parte, principalmente da facção liberal, uma atitude de mal contido protesto que só não tomou aspectos de gravidade por não haver, para tanto, ambiente propicio.

Certo é que o povo italiano não desgostou da novidade, e o sr. De Stefani foi com a sua por diante sem obstaculo de maior, tanto mais que o programa por ele apresentado é de molde, na verdade, a satisfazer os mais exigentes, pois conseguiu quasi, e sem grande esforço, o equilibrio do orçamento.

—«As minhas teorias—disse ele—são tão simples que quasi tenho vergonha de explica-las: tornar mais gerais alguns tributos, suprimir as isenções menos justificadas, acabar com a fraude... Quando entrei no Ministerio das Finanças, encontrei onerados com o imposto da riqueza movel 600:000 contribuintes; desde novembro até agora fiz inscrever nos cadernos mais 50:000, que tinham desertado do imposto.»

Noutros tributos foi aumentado igualmente, e pelo mesmo processo, o numero dos contribuintes, alguns dos quais se inscreveram expontaneamente, porque—explicou—«a nação compreendeu a necessidade do Estado, e o fascismo pôde receber assim a expressão material do sentimento e da confiança que tem sabido despertar».

«Os antigos economistas—disse mais o financeiro italiano—entendiam que os impostos deviam ser simples, para não perturbarem o desenvolvimento do trafico; comodos em relação ao tempo e á forma de pagamento; e gerais, para que o mesmo fardo se repartisse pelo maior numero de espaduas. Pois volvamos ao tempo desses antigos sabios; ao tempo em que ainda não se tinha inventado a sociologia financeira.»

Os economistas modernos talvez se riam desta teoria do ministro fascista e a achem retrograda; mas a verdade é que o sr. De Stefani conseguiu com ela, mesmo velha e desacreditada no conceito dos sabios de agora, este beneficio real que os seus censores não tinham sido capazes, ainda, de obter, apesar de toda a sua sciencia actualisada: o «deficit» italiano que estava em 4:000 milhões, desceu duma assentada para 1:187 milhões, e deve ficar extinto de todo em 1926.

DE LONDRES

A NOTA RUSSA

Será Tchitcherine quem vai a Londres discutir todas as suas clausulas

LONDRES, 23

A resposta da Russia á nota de lord Curzon será lida por Krassine. A nota faz concessões em todos os pontos tratados, mas afirma a impossibilidade de resolver a questão da distinção entre politica legitima e propaganda ilegitima no Oriente sem se entrar em previas discussões por meio de pessoas autorisadas que representem os dois países.

O governo dos «soviets» não julga Krassine capaz de discutir esse assunto e enviará Tchitcherine para tratar dele. O governo russo frisa que na questão comercial não pode ir além do que foi tratado primitivamente entre os dois paises, mas como a Russia agora necessita absolutamente de paz e de tranquilidade, o seu governo esforçar-se-há por dar satisfação á Inglaterra.—(R.)

Um submarino

que submerge 3.600 toneladas

LONDRES, 23

Está quasi completa a construção em Chathan do maior submarino do mundo. Deslocará á superficie 2.780 toneladas e submerge 3.600, tendo assim um deslocamento superior em 1.400 toneladas ao maior submarino que a Alemanha possuia. Terá um canhão de 12 polegadas. Foi construido em menos de 18 meses.—(R.)

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telefone 3028 N.
Companhia REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
A's 21,30 HOJE
GRANDE SUCESSO
A LUVA DE RICARDINA
Sexta-feira—RECITA DO AUTOR
Sabado—Espectaculo de homenagem a Carlos Selvagem—ENTRE GIESTAS

TEATRO AVENIDA
AURA ABRANCHES
IDE VER
A incomparavel interprete da «Maria do Carmo» no seu original
Madalena Arrependida
Autentico sucesso na opinião unanime do publico e imprensa
Soberba interpretação de *Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo, Sacramento* e todos os artistas da COMPANHIA AURA ABRANCHES
A PEÇA DAS FAMILIAS

EDEN-TEATRO
DOIS ESPECTACULOS—A's 8 1/2 e 10 1/2
com a mais sensacional de todas as revistas
O 31
COPLAS novas todas as noites na DESGARRADA
Vêr tabela de preços deste teatro

J. Feliciano A. d'Azevedo & C.ª L.da
DROGARIA FARMACEUTICA
Novas instalações na R. 1.º de Dezembro, 41 a 45

RIGOR DA MODA
Reabriu já esta acreditada alfaiataria a cargo de dois habeis tecnicos muito conhecidos das melhores casas de Lisboa, encontrando-se em exposição um grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras, o que ha de mais fino, encontrando-se tambem grande variedade de fatos feitos com esmerado acabamento e elegancia, enviando-se amostras para a provincia e colonias para fatos sem prova.
18, Rua de S. Nicolau, 22
TELEFONE 5342 C

Não se esqueçam
de que em todo o Paiz só os fabricantes
Donas da Covilhã
vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para
Fatos e Vestidos
em todos os padrões e côres por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas
DEPOSITOS DE VENDAS A RETALHO:
Em LISBOA—Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º.
No PORTO—Rua Fernandes Tomaz, 392-A.

As pessoas "chics"
Só vestem as fazendas do fabricante da
COVILHÃ
JAIME PINTASILGO
Peçam amostras
Confrontem preços
DEPOSITOS DE VENDA
LISBOA—R. Eugenio Santos, 140, 2.º
PORTO—R. Cancela Velha, 14, 1.º
STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Telefone C. 3033 — SOUZA, MOURA & C.ª, L.da — End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CREDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O CONVENIO

A QUESTÃO PENDENTE

entre Moçambique e a União

O jornalista conversou hoje, nos Passos Perdidos, com o deputado democratico sr. dr. Paiva Gomes, antigo ministro das Finanças:

—E' um dos indigitados para substituir o sr. dr. Brito Camacho, no cargo de Alto Comissario de Moçambique...

O sr. dr. Paiva Gomes esboça uma recusa:

—Não sei... Não sei...

—Mas fala-se no seu nome...

—O que lhe posso assegurar é que não sou candidato.

—Mas se o Congresso o eleger, aceitará?

—Não sei... Não sei... Teria que pensar ainda sobre o caso.

—A sua opinião sobre a questão...

—Sou absolutamente contra o que se fez. Nem sempre se respeitou a lei e não se acautelaram devidamente os interesses do país.

—As responsabilidades de quem são?

—Bem vê: pela lei, o direito de negociar pertence ao Alto Comissario. Mas só quando está no exercicio do seu cargo. Ora, emquanto dirigiu as negociações em Moçambique, o sr. Brito Camacho conduziu-as com pouco tacto e menos conhecimento do meio e homens. Desde que ele abandonou o seu cargo e veiu para a metropole, a unica pessoa que tinha direito de negociar, com as convenientes instruções do sr. ministro das Colonias, era o encarregado do governo.

—Havia alguma necessidade de denunciar o convenio?

—Havia necessidade de fazer a revisão do Convenio, e, para isso, tornava-se necessaria a denuncia. Mas, nunca esta se devia fazer, ou esboçar, sem que previamente se tivesse conversado com a União Sul-Africana e obtido a segurança da renovação do Convenio, em bases previamente concertadas e vantajosas para as duas partes contratantes. Assim como se procedeu, nem sequer fômos nós quem denunciou, de facto, mas quem provocou a denuncia.

—A questão...

—Permanece em aberto. Está na mesa, para ser discutida, a moção do sr. Alvaro de Castro.

—Quando será essa discussão?

—Demora. Ainda ontem, visitando o sr. ministro das Colonias (eu sou medico), constatei que ele não pode vir á Camara por estes dias, sob pena de agravar a sua laringite.

—Da Camara poderá saír a anulação do «modus-vivendi»?

O nosso entrevistado deixou a pregunta sem resposta, porque ia começar a sessão, precisamente nessa altura...

O CRIME DO CEMITERIO DOS PRAZERES

Pouco se pode adeantar ácêrca das investigações policiais referentes a Antonio Nunes Canha, que, conforme noticiámos, assassinou ontem no Cemiterio dos Prazeres o sr. Adolfo Viana, gerente da Companhia União Fabril.

O agente Serra procedeu esta manhã a uma rigorosa busca na casa do criminoso, sendo apenas encontrados papeis sem importancia e algumas fotografias, presumindo-se que haja cumplices.

As investigações continuam a cargo dos agentes Coelho e Serra, da 2.ª secção.

O criminoso encontra-se no calabouço n.º 8 do governo civil, muito pensativo, dizendo estar arrependido do acto que praticou.

Foram intimadas varias pessoas, para âmanhã comparecerem no governo civil, a fim de prestarem declarações sobre o que se passou no cemiterio dos Prazeres.

MIGUEL CRESPO e FREIRE FALCÃO
ADVOGADOS
Telefone 4335 C — R. Arco Bandeira, 139, 2.º, D.

A TARDE PARLAMENTAR

LEOTE DO REGO

protesta inergicamente CONTRA O CRIME DE ONTEM

"Cem mil portugueses não podem estar á mercê de algumas centenas de bandidos"

É curioso! Desde que o sr. Sousa Rosa começou a presidir ás sessões, deu-se um caso extraordinario. A não ser nos primeiros dias, nunca mais as leituras preambulares tiveram aquelas demoras que dantes tinham. Porque os secretarios de agora sejam mais entendidos em caligrafia? Porque se tenham dado á tarefa de algum estudo prévio para mais depressa se desempenharem do aborrecido cargo?

Nada disso. Os secretarios são os mesmos, e nenhum deles precisa de estudar a lição em casa para dar boa conta de si. O que aconteceu foi que o sr. Sousa Rosa, para evitar delongas e maçadorias, nunca mais mandou fazer a chamada para a sessão quando ha na sala o numero de parlamentares preciso para se iniciarem os trabalhos.

Assim, espera-se na mesma, mas não se cançam os secretarios. Pela parte que nos cabe, aplaudimos a ideia.

* * *

O sr. Leote do Rego foi o primeiro a falar, hoje, para protestar contra o crime de morte praticado ontem no cemiterio dos Prazeres. Lembrou, com verdade, que esse atentado lançou o terror na população de Lisboa, sobretudo por ser cometido sem atenção, sequer, pelo logar em que se deu ou pela missão piedosa que ali levara a vitima.

* * *

—E' mais um para a já bem longa lista de crimes sociais que este ano têm sido perpetrados—exclama.

E, pedindo providencias ao governo:

—Não posso exigir, evidentemente, que o sr. presidente do ministerio ponha um policia ao lado de cada individuo dos que fabricam bombas ou se propõem deitá-las; mas o sr. Antonio Maria da Silva tem á sua disposição, por certo, os meios adequados para meter esses criminosos na ordem, acabando de vez com este estado de coisas desgraçado.

—Sou, por educação—acrescenta—um grande espirito liberal; não tolero, nunca tolerei, nem poderei tolerar jamais, o crê ou morres, dos fanatisados, seja de que ideal fôr. Pode ser que me liquidem tambem, um dia; mas emquanto não chegar a hora dessa liquidação, hei de clamar de maneira que todos me ouçam, esta verdade de que estou absolutamente convicto: Cem milhões de cidadãos não podem estar á mercê de cem, de duzentos, de trezentos bandidos.

O sr. ministro da Agricultura e o sr. João Luis Ricardo estão a discutir, a um canto da sala, o problema da exportação da batata, ou coisa parecida. Entusiasmam-se; alheiam-se do assunto que está sendo exposto; crescem de tom no argumentar dos preços. E o sr. Leote do Rego vae prosseguindo:

—Dentro dêste país...

—... Ha abundancia de batata... é o que nos falta é batata... — teima, distrahido, o sr. dr. João Luís Ricardo.

O orador, como quem não dá pela coisa:

—... Ha representantes de nações estranjeiros; ha representantes de jornais estranjeiros...

—... Que comam batatas... Que façam pão de batatas — saía do grupo, em fragmentos de conversa.

Leote do Rego, a teimar:

—E' preciso que esses estrangeiros possam dizer lá para fóra, ao mesmo tempo que noticiam atentados desta natureza, que...

—... Não ha direito... não ha motivo algum para que a batata esteja a ser vendida por tal preço... — insistia outra voz vinda do grupo, que nesta altura, se esqueceu quasi por completo do sr. Leote do Rego.

E este, já enervado:

—... possam dizer lá fóra que o governo tomou todas as providencias para reprimir...

A discussão ácêrca da batata tem tomado, entretanto, proporções maiores, de tom, e o sr. Leote do Rego decide sentando-se:

—Sr. presidente: em face da desatenção da Camara, dou por findas as minhas considerações.

A declaração do orador causou certa sensação; o grupo conversador calou-se, e o sr. dr. João Luis Ricardo, cuja distração não podia ter a mais leve sombra de intuito depreciativo para o sr. Leote do Rego, pediu desculpa, afirmando, como homem bem educado que é, não ter tido qualquer desatenção propositada.

* * *

O sr. Cancela de Abreu insistiu mais uma vez pela remessa de documentos que requereu ha tempos, ácêrca da questão dos selos comemorativos da travessia aerea Lisboa-Rio, o que determina explicações do sr. ministro do Comercio.

* * *

Seguiu-se uma chuva de requerimentos que o sr. Sousa Rosa classificou de diluvio.

De todos os lados da Camara se requer qualquer coisa; não chegando a perceber-se o que cada um deseja.

—Passa-se a sessão em requerimentos — pôs uma voz das bancadas democraticas.

O sr. presidente procura atender todos os requerentes, entre os quais se encontra o sr. Agatão Lança.

Este, pelos modos já requerêra e vendo-se agora prejudicado na ordem de preferencias, afirma por tal facto a sua extranhesa.

O sr. Sousa Rosa:

—V. ex.ª já requereu?

—Já, sim senhor!

—Mas eu não recebi o requerimento!

—Nem eu o mandei para a mesa.

—Então como havia de eu recebe-lo?

—Mas não é costume requerer por escrito...

—Peço a v. ex.ª que redija o seu requerimento.

—Peço a v. ex.ª que me diga qual é o artigo em que hei de fundamentar-me...

Ditos, ápartes, muitas vezes a pedirem a palavra para interrogar a mesa; remoques da minoria monarquica; e, passando-se á votação do orçamento do ministerio da Marinha, saíram a toda a pressa alguns continuos em busca de parlamentares que viessem fazer numero.

Um jornal

assaltado pela força publica

No Gabinete dos Reporteres, no governo civil, foi recebido o seguinte telegrama:

Nova Goa, 22. — A tipografia do jornal *O Pygmeu* foi invadida pela força armada, sendo arrombadas e seladas as portas e empastelado o tipo.

Foi guardada a redação pela força armada e violado o domicilio do antigo administrador do jornal, por o *Pygmeu* verberar a protecção do governador á concessão «Magnier Jaghabai» e outros factos escandalosos. Protestamos contra este acto de violencia, esperando imediatas medidas de levantamento de selos e retirada da força armada, restabelecimento da liberdade de imprensa, visto os jornais e as tipografias estarem sob a ameaça de igual violencia.

(a) Os directores do *Heraldo*, *Terra* e *Pygmeu*.

A GREVE MARITIMA

Falta de carvão

Estando a escassear em Lisboa o carvão vegetal, em consequencia da greve das classes maritimas, uma grande comissão de negociantes daquele artigo, por grosso, procurou hoje o sr. ministro do Comercio, para solicitar que lhes sejam fornecidos meios de transporte para o carvão que teem nos portos das proximidades da capital.

NA BOA-HORA

OS LUCROS ILICITOS

Os julgamentos desta tarde

No 1.º distrito do Tribunal da Boa Hora, reuniu hoje, ás 14 horas, o Tribunal dos Lucros Ilicitos. Presidiu o juiz sr. dr. Fafe, tendo como delegado do Ministerio Publico o sr. dr. Castro Lopes e escrivão o sr. Abilio Magro.

Na bancada da defeza viam-se os srs. drs. Bessone, Mota Gomes e Orlando do Rego, patronos, respectivamente, dos srs. Manuel Neves, com loja de sabão na rua de S. Bento; Carlos Inacio da Silva, com chapelaria na rua Poço dos Negros, e Alvaro Teles de Carvalho, um dos gerentes da Chave de Ouro.

Depõem as testemunhas:

O agente Faisca declara que tendo acompanhado o sr. juiz instrutor ao estabelecimento do sr. Manuel das Neves, verificou não haver ali o letreiro com o preço do sabão. Outra—Antonio Rodrigues, entende, em tom de remoque, que os lucros ilicitos ainda não chegaram ao arguido para comprar automoveis ou propriedades...

O delegado: — Não é disso que ele é acusado. O que se precisa de saber é se ele lá tinha os letreiros.

E a seguir:

—As testemunhas vieram dizer que o arguido é muito boa pessoa, mas não é por isso que ele está sendo julgado.

O defensor dr. Bessone, estranha que o delegado tenha hoje um criterio diferente do que afirmou nas audiencias anteriores.

E' julgado o gerente da Chave de Ouro, acusado de ter vendido uma garrafa de água de Vidago por $89.

O sr. João Inacio Silva declara ter visto entrar no aludido Café o sr. juiz sindico, e mandar vir uma garrafa de agua de Vidago, que pagou por $89, dando ainda $30 de gorgeta ao criado.

José Caetano Cabral, faz identica declaração.

O deputado sr. dr. Julio Cruz, testemunha tambem, entende ter havido um equivoco lamentavel da parte do sr. dr. juiz sindico, — que está presente ao julgamento — na aplicação da lei, por isso que a agua de Vidago no Chave de Ouro, é gelada, e o gelo não vai de graça para o seu estabelecimento; e o delegado decide pedindo ao juri que resolva segundo o seu criterio.

O sr. dr. Orlando do Rego apreciando o processo e o decreto:

—O governo usurpa o direito do poder legislativo e legisla por si só, com o Parlamento e o Senado abertos. O sr. juiz sindico lançou no processo um despacho em que afirma que o encerramento do Chave de Ouro, foi decidido em consequencia de denuncia duma individualidade muito conhecida na politica e nas letras.

E comentou:

—Ora, se esse literato se desse ao trabalho de fazer bons livros para nos deleitar, prestaria um serviço muito melhor ao país!

A audiencia continua.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, 1.º

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

ATLAS O MELHOR CALÇADO
Deposito da fabrica
RUA DO OURO, 198